

**MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS:  
REPRESENTAÇÕES DO FEMININO  
SOB INFLUÊNCIA DO MITO DE EVA**

SARMENTO, Alexandra Loiola<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. Pós-Graduada *lato sensu* em Lingüística e Produção de Textos, pelas Faculdades Integradas de Patrocínio - FIP; Pós-Graduada *lato sensu* em Literatura Luso-Brasileira, pela Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES; Mestranda em Letras/Literatura Brasileira, pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. Orientador Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles; Co-orientador Prof. Dr. Osmar Pereira Oliva. Contato: alexsandrassarmento@ig.com.br

**RESUMO:** O presente trabalho analisa a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, explorando as reações do masculino perante a altivez feminina, a partir do mito de Eva. A despeito da conotação negativa que faz o narrador dos caracteres femininos como inteligência e altivez, o aspecto de fracasso masculino não é anulado. O tipo fracassado que aparece na obra tem valor significativo, na medida em que faz emergir o outro: o feminino. Pois, as personagens femininas representadas, guardadas os limites de verossimilhança da época, não assumem o comando político e social, mas possuem a inteligência para defender seus próprios interesses e comandar o homem pela subjetividade. Assim, ao passo que o narrador Brás Cubas acredita dominar a situação, ele passa a ser o iludido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Representações de gênero – Feminino - Mito de Eva

**ABSTRACT:** This paper analyses the Machado de Assis' work *Memórias póstumas de Brás Cubas*, its purpose is to explore the woman image starting from the Myth of Eve. The negative connotation of female characteristics like intelligence and pride in the book do not frustrate the aspect of masculine failure. Brás Cubas is convinced he stay in a singular male dominative position, but indeed are the female characters who exercise over him the domination power, becoming Cubas in a deceived narrator.

**KEY WORDS:** Gender representation, Female, Myth of Eve

## INTRODUÇÃO

*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis foi impresso como folhetim, em 15 de março de 1880, na *Revista Brasileira* e publicado em livro em 1881. É considerado por alguns críticos como a melhor obra desse autor. Neste trabalho, pretende-se analisar as representações femininas sob a influência do mito de Eva. Verificaremos que as construções negativas que o narrador faz do feminino servem como estratégias para justificar o seu fracasso como homem e como um sujeito social, segundo as convenções patriarcais ainda vigentes no final do século XIX, época em que o romance é ambientado.

Estudar a função do mito em uma obra da segunda metade do séc XIX, como é o caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, significa reconhecer a existência de aspectos indecifráveis da realidade que o racionalismo ainda não conseguiu atingir. Apesar da grande agitação científica e tecnológica do séc XIX, o mito feminino resiste, o que im-

plica reconhecer que o comportamento feminino é ainda um mistério para muitos.

Assim, este estudo faz, primeiramente, uma análise do significado do mito de Eva associado às personagens femininas; num segundo momento, a firmeza feminina contrastando com a fragilidade masculina, o malogro e o engano de Brás Cubas com o feminino; por outro lado, é mostrada a fuga do masculino ao rebaixamento através de conotações pejorativas do feminino.

## I AS PERSONAGENS FEMININAS E O MITO DE EVA

Nas *Memórias*, aparecem personagens femininas que, diante do masculino, se posicionam como dominadoras no que diz respeito ao relacionamento amoroso, identifica-se aí o masculino manipulado que assume uma postura de fragilidade perante a mulher. Entretanto, por ser dominadora, a imagem feminina que desponta é a da mulher dissimulada, interesseira, fria, frívola, egoísta e maléfica. O que leva a identificá-la com o mito feminino do mal: o mito de Eva. Conforme Elisabeth Badinter (1985: 32,34), a partir do texto maior e primeiro da Bíblia, decorreram inúmeras conseqüências para a imagem e a condição de Eva que se torna culpada pela infelicidade do homem, aparecendo como demoníaca. A autora reconhece que Cristo trouxe uma mensagem clara: “marido e mulher eram iguais”, no entanto, “alguns apóstolos obscurerem a mensagem chegando, como veremos, a traí-la” (BADINTER, 1985: 33).

Então, de acordo com Beauvoir (1980:183) “a mulher é, a um tempo, Eva e a Virgem Maria”. É exaltada se assume o comportamento da Virgem Maria, serva, submissa, reconhecendo-se como inferior; mas é Eva se mostra dominadora, ostentando qualidades só admitidas nos homens, como a perspicácia e a inteligência. Ocorre que a mulher só é bem vista quando se anula diante do masculino, o que constitui, segundo Beauvoir (1980:215), “uma reabilitação da mulher pela derrota”.

Entretanto, não é a mulher santificada que desperta o interesse de Machado de Assis, mas a mulher com a imagem de Eva. Conforme Augusto Meyer (1986: 218), Machado não se interessava pela personagem feminina que fazia o tipo bem comportado, a mulher frágil e pudica como Flora, de *Esaú e Jacó*; o que despertava o interesse do autor era a imagem forte do feminino.

Como Meyer afirma, o interesse de Machado era por aquelas mulheres que carregavam a pontinha da insubordinação de Eva; mulheres desafiadoras, dispostas a experimentar o bem e o mal, a experimentar os frutos apropriados para abrir a inteligência (GÊNESIS, 3,6-7). A adesão de Machado por esse perfil feminino parece ser também uma influência das ocorrências culturais do período da escrita da obra. Segundo Roberto Schwarz, as imagens do feminino: “a partir de meados do século, misturadas a Darwin e Schopenhauer, alimentaram mais uma outra refundação do mito de Eva, agora como pólo oposto antitético à norma vigente, e até como alternativa histórica para ela” (SCHWARZ, 1997: 130).

No entanto, Schwarz interpreta o mito de Eva em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* associando-o à insubordinação das mulheres às normas e enfatiza a existência do instinto feminino subjacente ao mito. Schwarz parece não ver que nas *Memórias* as mulheres agem com o uso da inteligência, da razão e do cálculo, como interpreta Mário de Andrade (1972: 93). Embora Brás Cubas exalte os caracteres negativos da mulher, não se pode deixar de observar os caracteres como inteligência e altivez.

No livro do Gênesis, quando Eva deixa de obedecer à recomendação de Deus e come o fruto proibido, ela, além de conhecer o bem e o mal, recebe inteligência: “pois o fruto era apropriado para abrir a inteligência [...] Então os seus olhos abriram-se” (GÊNESIS, 3,6-7). Muitos escritores já deram esse viés de interpretação ao mito de Eva para construir personagens femininas com forte personalidade. É o que mostra Pierre Brunel (2005:3001):

A Eva do século XVII – seja ela espanhola, holandesa ou inglesa – afirma uma forte personalidade. A de Lope de Veiga trata o marido de igual para igual, fala, consigo mesma, ouve a si própria falando; mais do que pela gulodice, caracteriza-se pela curiosidade e pelo desejo de independência [...] A mesma sede de independência se observa na Eva de Grotius e de Vondel, ainda mais afeitas a discutir, e naquela de Milton: 'Deus nos proíbe o que é bom [...] Proibições desse tipo não criam um compromisso'; a última palavra tem sempre que ser dela: 'Eva persistiu; submissa, mesmo assim ficou com a réplica final'. Essa não é apanágio dos séculos clássicos; a de Imre Madach segue a mesma trilha 'argumentante', a ponto de Satã qualificá-la, com ironia, de 'primeiro filósofo'.

É este viés do mito feminino que também foi dado a M. P. B. C., pois Machado demonstra repulsa pelas personagens femininas inertes, passivas, sem vontade, sem consciência. Tanto é que, faz uma crítica mordaz a personagem Luísa do romance *Primo Basílio*, de Eça de Queirós: "a Luísa, - força é dizê-lo - a Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes um títere do que uma pessoa moral" (ASSIS, 1999: 949- 950).

Por isso, ao contrário de simples títeres, os perfis femininos criados por Machado possuem personalidade marcante. As personagens femininas em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não agem sem antes passar por uma elaboração mental dos atos, de modo que, suas atitudes são calculadas de acordo com cada objetivo visado. Agem, portanto, de maneira consciente, não por instinto. Não é sem razão que são chamadas de "dissimuladas".

Assim, nas *Memórias*, as personagens femininas são perspicazes e iludem o narrador-personagem. Este pode não exercer o papel de traído, como Bentinho, mas é logrado, enganado, surrupiado, é aquele com quem a mulher entra em confronto e apenas com o olhar o inferioriza. Para John Gledson (1991:23), neste romance "o narrador é iludido a ponto de estar louco". O que nos leva a afirmar que, se em *Dom Casmurro* o narrador é enganoso, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* o narrador é o enganado ou aquele que pensa dominar a todos e, na verdade, é um iludido. Não se pode

deixar de levar em conta que o livro é escrito, como afirma Roberto Schwarz (1997:78) “*contra o seu pseudo-autor*”, podendo se especular se o papel do feminino não seria responsável por desbancar a elite que na obra está no banco dos réus. De modo que a mulher estaria no pólo antitético da ordem vigente, consoante Schwarz (1997:130).

## 2 FRAGILIDADE MASCULINA E INSENSIBILIDADE FEMININA: BRÁS E MARCELA.

Brás Cubas é o ilustre representante da elite cujo capricho está em demonstrar suas posses, o seu poder. Assim ele se descreve:

era um lindo garção, lindo e audaz, que entrava na vida de botas e esporas, chicote na mão e sangue nas veias, cavalgando um corcel nervoso, rijo, veloz, como o corcel das antigas baladas [...] Sim, eu era esse garção, airoso, abastado; que mais de uma dama se inclinou diante de mim a fronte pensativa, ou levantou para mim os olhos cobiçosos (ASSIS, 1999:47).

Como se vê, Brás se esforça para demonstrar o quanto é poderoso materialmente e o quanto está armado para o relacionamento amoroso, mas o personagem engana a si próprio sobre o poder nos relacionamentos amorosos. Nesse sentido, é interessante o que ele relata sobre sua primeira paixão: “De todas porém a que me cativou logo foi uma... uma... não sei que diga; este livro é casto, ao menos na intenção; na intenção é castíssimo” (ASSIS, 1999:47) O nome que Brás tem o pudor de pronunciar é prostituta, grande ironia para aquele que se mostrou poderoso e tão sedutor para quem as damas se inclinavam. Para ter o amor da mulher amada, é preciso pagar o preço que ela oferece. Ainda assim teria que dividi-lo com outro homem, ou, quem sabe, outros homens.

Além disso, a atenção de Marcela é conseguida mediante a compensação financeira para esta e, quando acaba o dinheiro, acaba o suposto amor: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos” (ASSIS, 1999:53).

Desta forma, quando Brás convida Marcela a fugir com ele, ela, sabendo que ele não mais teria o que oferecer, responde ao convite com uma negativa. O comportamento de Brás diante dessa negativa é uma representação de como o masculino se mostra descontrolado emocionalmente, enquanto que o comportamento da mulher é de total segurança: "Ficando a sós, derramei todo o desespero de meu coração [...] Marcela deixava-se estar sentada, a estalar as unhas nos dentes, fria como um pedaço de mármore" (ASSIS, 1999:54).

A cena que se apresenta demonstra como a mulher consegue dominar os sentimentos, tem controle emocional, é impassível; ao passo que o masculino pode ser emocional, dramático, frágil. O drama de Brás desmitifica a visão tradicional de gênero que insiste em contrastar masculino e feminino, ressaltando o aspecto sentimental comumente atribuído ao feminino e o controle racional ao masculino.

Assim, é possível reconhecer a contribuição de Machado para a diluição das diferenças de gênero. Conforme Pierre Bordieu, na cultura patriarcal, há uma divisão de gênero com base na inscrição dos corpos: dominante/dominado, acima/abaixo, ativo-penetrar/passivo-ser penetrado [...] forte e fraco, grande e pequeno, pesado e leve, gordo e magro, tenso e solto *hard e soft* etc" (BORDIEU, 2005:124). No entanto, Machado consegue fugir dessa visão tradicional, já que inverte os papéis de gênero dando ênfase à frieza feminina e à sensibilidade masculina.

Porém, uma visão limitada do feminino só vê a face perversa de Eva em Marcela, a falsidade, o apego material e a falta de escrúpulos no amor. É esta a visão que fica quando se lê a obra apenas pela ótica do masculino Brás Cubas. O que uma visão machista não mostra é que Marcela, tal qual Eva, consegue o controle do masculino.

### 3 ALTIVEZ FEMININA: BRÁS E EUGÊNIA.

O capítulo que antecede a descoberta de que Eugênia é coxa, é o capítulo em que aparece a borboleta preta, de ma-

neira que há uma identificação entre o inseto e Eugênia. Chama atenção o fato de que Brás Cubas era vítima de um grande escárnio da natureza ao testar os seus preconceitos: “Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é às vezes um imenso escárnio” (ASSIS, 1999: 82). Porém, apesar de sofrer um escárnio da natureza e ser confrontado pelo olhar imperioso de Eugênia, este ainda se ilude tentando mostrar sua superioridade diante dos fatos.

Brás é tão narcisista que, segundo Sidney Chalhoub (2003: 74), a concentração em si mesmo “permite a eliminação das ‘cousas externas’ - isto é, o não-reconhecimento de atores e ações políticas que exprimam antagonismo em relação à sua visão de mundo”. É assim que, ao desprezar Eugênia, ilude-se, esperando que ela vá se humilhar perante ele, como ele próprio fizera diante de Marcela. Mas Brás Cubas decepciona-se, já que Eugênia mostra toda a sua dignidade:

— Alcancei-a a poucos passos, e jurei-lhe por todos os santos do céu que era obrigado a descer, mas que não deixava de lhe querer e muito [...]

— Acreditas-me? perguntei eu no fim.

— Não, e digo-lhe que faz bem.

Quis retê-la, mas o olhar que me lançou não foi de súplica, senão de império (ASSIS, 1999:85).

Esta, porém, não foi a primeira vez que ele espera que Eugênia demonstre subordinação e ela o decepciona. Como na cena em que Brás espera que a moça volte o seu olhar para trás e ela não o realiza. “Confesso que me lisonjeee com a idéia de que, alguns passos adiante, ela voltaria a cabeça pra trás; mas não voltou” (ASSIS, 1999:79). Também, quando espera que a moça demonstre uma condição de humilhada pelo fato de ser coxa e é outra a expressão que descobre: “Palavra que o olhar de Eugênia não era coxo [...] em geral, (os olhos) fitavam-me com franqueza, sem temeridade, nem biocos” (ASSIS, 1999:82).

Para contrapor a essa firmeza moral, porém, Brás tenta passar a imagem de que era senhor da situação, “ao pé dela

sentia-me bem, e ela creio que ainda se sentia melhor” (ASSIS, 1999:83). O narrador transforma a imagem de Eugênia em coitada, como se tivesse que purgar como Eva o pecado de insubordinação. Assim como Eva, Eugênia tem que viver em constantes sofrimentos: “foste aí pela estrada da vida manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa” (ASSIS, 1999:86).

O fato de o narrador ser o próprio Brás Cubas faz com que os acontecimentos sejam narrados parcialmente, de forma que a realidade possa ser distorcida de acordo com o desejo do próprio narrador, “*a quem cabe a última palavra*, aliás de injúria”, conforme Schwarz (1997: 97).

#### 4. VIRGÍLIA E O LOGRO DE BRÁS

Brás Cubas deixa Eugênia para se casar com Virgília depois de ouvir os conselhos do pai: “Foge do que é ínfimo” (ASSIS, 1999:76). Pois vê a opção por Eugênia como ínfimo, enquanto Virgília representaria o brilho, o *status* social. O casamento com Virgília garantiria a Brás ascensão política, tornar-se deputado, segundo Brás “a noiva e o parlamento são a mesma coisa” (ASSIS, 1999:76). É de se notar como a política e a mulher aparecem estão associadas. De acordo com Beauvoir (1980:219) “Todo homem ressuscita mais ou menos o Rei Cadaule: exhibe a mulher porque pensa mostrar os próprios méritos”.

A despeito de toda as esperanças da dominação de Brás na política e no casamento, eis que Virgília age de forma mais esperta do que Brás. Ela, antes dele, já aprendera o significado do casamento na sociedade burguesa. Casamento é solução para o *status* social, segundo norma da época. Virgília logo percebe que Lobo Neves estava mais bem aparelhado do que Brás Cubas para a política e, assim, descarta Brás e casa-se com Lobo Neves que seria capaz de fazê-la baronesa.

O personagem é reduzido à condição ínfima que temia, Virgília faz com Brás o mesmo que ele fizera com

Eugênia. O ingênuo Brás imagina que, porque havia trocado alguns beijos com Virgília, já lhe tinha marcado a ponto de possuí-la, mas lamenta: “O lábio do homem não é como a pata de Átila, que esterelizava o solo em que batia; é justamente o contrário” (ASSIS, 1999:95).

Aparece nas palavras do narrador a posse frustrada do masculino pelo feminino. Pois, segundo Beauvoir, o homem sonha com a posse da mulher, deseja marcá-la, dominá-la: “Não é apenas um prazer subjetivo e efêmero que o homem busca no ato sexual; quer conquistar, pegar, possuir; ter uma mulher é vencê-la” (BEAUVOIR, 1980:193). É reproduzindo esse desejo masculino que Brás Cubas confia na posse de Virgília e seu domínio, no entanto ele se frustra.

Mas Virgília não se deixa dominar pelo matrimônio, ela sabe lucrar os benefícios do casamento sem deixar de viver a volúpia dos prazeres carnis. Depois de casada, retorna ao romance com Brás. Lobo Neves, ciente de que era traído, nada faz, não reage, pois a perda da mulher significaria a perda da respeitabilidade política, já que estar casado implica também poder, umas das posses do homem. Beauvoir (1999:219) afirma que: “Na sociedade burguesa, um dos papéis reservados à mulher é *representar*; sua beleza, seu encanto, sua inteligência, sua elegância são os sinais exteriores da fortuna do marido”.

Em vista disso, ao invés de Virgília ser a mulher dominada, é ela quem domina. Conforme Chalhoub (2003:77): “Nas *Memórias*, as mulheres fazem gato e sapato de ‘um galho da árvore ilustre dos Cubas’”. Certo é que, Virgília deixa Brás Cubas numa condição humilhante e age de acordo com os seus próprios interesses e ambições. Sem se preocupar com a existência do amante, parece querer arrancar do personagem-narrador apenas a satisfação sexual. Assim é que, diante da suspeita de estar grávida do amante, não lhe interessa a satisfação de Brás Cubas, o que a preocupa é o fato de ter que ficar reclusa durante o período de gestação:

Como está a minha futura mamãe? A esta palavra, Virgília amou-se como sempre [...] Não gostava de semelhante alusão, aborreci-

am-lhe minhas antecipadas carícias paternas [...] Naquela noite descobri a causa verdadeira. Era medo do parto e vexame da gravidez. Padecera muito quando lhe nasceu o primeiro filho [...] Quanto ao vexame complicava-se ainda da forçada privação de certos hábitos da vida elegante (ASSIS, 1999:165).

Entretanto, a amante sofre um aborto e frustra as imaginações de paternidade de Brás; a informação da perda do embrião não é detalhada na obra. É uma lacuna que permite se pensar na possibilidade de Virgília ter cometido um aborto voluntário, senhora que era de si mesma, e, principalmente, de seu próprio corpo.

Além disso, Virgília nega abandonar todos os privilégios de posição social que desfrutava ao lado de Lobo Neves para fugir com Brás Cubas. O relacionamento continua, mas, quando Lobo Neves é nomeado presidente de província, Virgília vai embora com o marido. Novamente Brás Cubas é preterido.

Apesar disso, os caracteres de Virgília que o narrador passa para o leitor é de mistério, ignorância e infantilidade. Ele parece rememorar o mito de Eva ao destacar que “saía das mãos da natureza cheia daquele feitiço, precário e eterno” (ASSIS, 1999:74). Pela versão do narrador, o imaginário a respeito do feminino é da Eva natural, cujas ações são instintivas, por isso é pueril e ignorante. Depois de acompanhar as atitudes de Virgília, no entanto, difícil é aceitar os adjetivos pueril e ignorante dados a uma personagem tão astuta.

Tudo isso, faz com que se perceba que tais versões do narrador a respeito do feminino, são estratégias para camuflar a real condição de subordinação do masculino, pois também no mito de Eva, a ênfase dada ao papel de desobediência feminina esconde a capacidade de dominação feminina sobre o masculino.

## 5. A REAÇÃO DO NARRADOR: A MULHER DISSIMULADA.

As personagens femininas do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, como se viu, no campo amoroso são firmes e altivas. Segundo Therezinha Mucci Xavier (2005: 44):

As heroínas machadianas não são mulheres oprimidas, castradas, cabisbaixas, sem o poder de emitir suas opiniões [...] muitas vezes as personagens femininas são apresentadas com características mais marcantes que as masculinas, sendo mais seguras de si, dotadas de maior força moral.

Diante desse poder feminino, todavia, o homem, para não assumir uma condição inferiorizada, lança mão do mito de Eva. Mas colhe apenas o sentido negativo do mito, anulando o lado positivo da inteligência e altivez. O que se abstrai do mito são apenas os significados que expõem a mulher como pernicioso, leviana, diabólica, a traidora dissimulada. De modo que esperteza e insubordinação feminina são mostradas com uma conotação negativa.

Em vista disso, as mulheres do romance apresentam características condenadas pela sociedade, tanto é que Josué Montelo (1969:15) denomina *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro* "Uma trilogia da leviandade feminina". Sem reconhecer o quanto as personagens são ricas de dotes cerebrais, a versão que fica do comportamento é o aspecto vil. Sob este viés, Marcela é a prostituta cujo amor depende da existência dos joalheiros, inescrupulosa e insensível. O narrador apresenta Eugênia como uma dissimulação inata, como que instintiva: "Que dissimulação mais graciosa! [...] e tudo isso natural, vivo, não estudado, natural como o apetite, como o sono." (ASSIS, 1999:84). Já com Virgília são descritos os seguintes caracteres: ambiciosa, interesseira, adúltera, egoísta, insensível à maternidade.

Não se poderia deixar de observar também qual é a imagem daquela que seria a esposa de Brás se não fosse a febre amarela, Nhá-loló. Esta aparece como a mulher que, para conseguir um casamento afortunado, escamoteia sua baixa condição social. A moça não se distingue daquela classe de mulheres inteligentes, porém, talvez por isso mesmo, é apresentada como dissimulada e interesseira.

Além dessas personagens, Sabina e Dona Plácida também não são poupadas pelo narrador. Sabina enfrenta Brás e mostra que, pelos seus interesses, é capaz de brigar, pois ela desdiz de um possível casamento do irmão como argumento

para ficar com a prataria da herança, é artificiosa ao defender seu patrimônio. Tanto é que, tempos depois, já conciliada com Brás, exige que ele se case. Uma atitude incoerente com a sua opinião anterior sobre a inutilidade do casamento. É a mulher esperta, mas de uma esperteza associada à cobiça.

Já Dona Plácida é a alcoviteira que, muitas vezes, inventa recados e situações, de forma a agradar o casal de amantes para se beneficiar com o amor clandestino. Dona Plácida usava bem a linguagem, dava versões passionais do comportamento de Virgília de forma a atingir a sensibilidade do amante Brás, que lhe rendia moedas. Destarte, a personagem reproduz a imagem da mulher fingida que usa tagarelice sentimental para conseguir o que deseja.

Constata Mário de Andrade (1972:93) que há em quase todas as personagens femininas machadianas: "uma inteligência mais ativa, mais calculista; há uma dobrez, uma perversidade e uma perversão em disponibilidade, prontas sempre em entrar em ação [...] o que interessa a Machado de Assis é muito menos o amor do que o eterno feminino".

O eterno feminino identificado por Mário não é outro senão aquele em que a mulher, ao fugir do poder dominador do homem, é taxada de pérfida, traidora, como confirma Beauvoir (1980:206):

Um dos sonhos do homem é 'marcar' a mulher de maneira que ela permaneça sua para sempre; porém o mais arrogante bem sabe que nunca deixará mais do que recordações e que as mais ardentes imagens são frias ante uma sensação. Toda uma literatura denunciou esse malogro. Objetivam-no na mulher que chamam de traidora e inconstante.

Segundo a sociedade patriarcal, a mulher só recobriria sua reverência e glorificação se assumisse a postura do ideal feminino explorado pela figura da mãe de Jesus. Posicionando-se como serva, dando total poder ao masculino, tal como a Virgem Maria, a mulher só seria glorificada se aceitasse o papel de subordinação (BEAUVOIR, 1980:215). Caso não atingisse esse ideal, teria sua imagem invertida em Eva pecadora, exposta como símbolo do mal, frívola e acessível às tentações

da carne e da vaidade, é o que o narrador das *Memórias* expõe.

Entretanto, essa versão que o masculino apresenta sobre o feminino, na verdade é uma tentativa de encobrir o fracasso masculino. Segundo Mário de Andrade (1972:93) os personagens masculinos de Machado de Assis “são pobres animalculos sem mistérios nem sutileza. Estúpidos. Baços. Tímidos”.

A presença do tipo fracassado nas obras de Machado, entretanto, não é aleatória, constitui-se numa estratégia literária de deixar emergir o “outro”. Na medida que o dominador fica enfraquecido, o oprimido adquire representação de força. O “outro” na obra de Machado emerge através da figuração feminina. E, se a mulher não adquire poder de comando político e social na obra, é porque lhe dotar de tais mandos seria incorrer na inverossimilhança, já que fugiria da realidade do século XIX. Porém, se a mulher ainda não havia conseguido o seu poder de voz na política e na sociedade, no âmbito da subjetividade o comando estava com ela.

Embora o mito de Eva seja usado pelo narrador em seu sentido negativo, uma releitura da obra permite identificar o uso do mito como estratégia masculina para fugir ao rebaixamento. Estando atento ao comportamento das personagens femininas, descobre-se o uso que elas fazem da inteligência para defender-se e defender os seus interesses, podendo flagrar o uso da razão pelo feminino, em detrimento do descontrole emocional. Após desmascarar a condição do narrador Brás Cubas, o que resta do mito de Eva é o poder de domínio do feminino pela sagacidade mental.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com efeito, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o narrador Brás Cubas sofre um desconforto perante a postura feminina, pois o perfil feminino que Machado de Assis criou para se relacionar com o personagem-narrador não se submete aos caprichos do abastado Brás Cubas. Tais per-

sonagens femininas agem com cálculo, razão, inteligência, altivez e insubmissão. Por vezes, Machado foge à visão tradicional de gênero que insiste em afirmar o descontrole sentimental do feminino e o domínio racional masculino.

A exemplo disso, assiste-se o masculino curvar-se mais de uma vez diante do feminino. Porém, para não assumir uma posição de rebaixamento, o masculino reage reavivando o mito de Eva. Reconhece-se que Machado de Assis usou uma estratégia literária que ao mostrar o dominante com imagem de fracasso, permitiu a emergência do outro: o feminino.

Destarte, após desmascarar as estratégias do narrador, o que fica do mito de Eva é a inteligência e o poder de domínio pertencentes também ao feminino. Neste aspecto, Machado foi expressivo, a sua preferência pela imagem dominadora das personagens femininas contribuiu para a desmitificação do feminino frágil, sensível, instintivo; dirimindo, assim, as diferenças de gênero.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário. **Aspectos da literatura brasileira**. 4. ed. São Paulo: Martins, 1972.
- ASSIS, Machado. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, São Paulo: Klick, 1999.
- BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra, 9. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena Kühner. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRUNEL, Pierre. **Dicionário de mitos literários**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis historiador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo**: uma reinterpretação de Dom Casmurro. Tradução de Fernando Py, São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GÊNESIS. **Bíblia sagrada**. 47. ed. São Paulo: Ave Maria, 2003.

MEYER, Augusto. Da sensualidade na obra Machadiana. **Textos Críticos**. Seleção e introdução de João Alexandre Barbosa, São Paulo: Perspectiva, 1986.

MONTLELLO, Josué. Uma trilogia da leviandade feminina. **Uma palavra depois da outra**; notas e estudos de literatura. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do livro, 1969.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**. 3. ed. São Paulo: 34, 1997.

XAVIER, Therezinha Mucci. **A personagem feminina no romance de Machado de Assis**. 2 ed. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005.